

O que quer um bebê?

Maria Silvia R. M. Valladares¹

Liliana D. M. Avidos²

Carlos Wilson de Andrade Filho³

Equipe de observadores⁴

Resumo: Os autores, por meio de um bebê “fictício”, apresentam observações reais relativas ao desenvolvimento do primeiro ano de vida do bebê, ressaltando as etapas fundamentais desse período crucial para a vida humana, numa relação mãe-bebê-família. A Equipe de observadores é parte do Curso de Observação da relação mãe-bebê ministrado pela SPBSB, no período de fevereiro/2017 a março/2018, baseado no método Esther Bick.

Palavras-chave: relação mãe-bebê-família, desenvolvimento humano, período crucial, observação, método Esther Bick

A despeito de nossa necessidade de encontrar perfeição e simetria em tudo, o poder da Natureza vem de assimetrias e imperfeições, que se manifestam desde o mundo das partículas subatômicas ao Universo como um todo ... Algumas das simetrias mais básicas da física de partículas devem ser violadas para que a matéria exista.

(Marcelo Gleiser, 2010)

Cientistas modernos sustentam a hipótese de que a vida é o resultado de uma longa evolução da matéria, das moléculas simples às primeiras células. Este é um processo contínuo, ligado à evolução da própria Terra. A história da vida ilustra como a presença de imperfeições cria

1 Membro titular e analista de crianças e adolescentes da SPBSB e da SBPSP.

2 Membro associado da SPBSB.

3 Membro do Instituto de Psicanálise VLB.

4 Adley Evangelista Ramos dos Anjos (membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo, VLB), Carlos Wilson de Andrade Filho, Carmem Maria Souto de Oliveira (membro do Instituto de Psicanálise VLB), Cristiane Machado de Bastos (psicóloga), Elen Márcia de Sousa Carioca (psicóloga), Mariana de Lima e Silva (antropóloga), Roniere Ribeiro do Amaral (membro do Instituto de Psicanálise VLB).

a diversidade. Das sopas pré-bióticas, que hoje fazem parte de todas as moléculas de DNA e das proteínas, existimos devido a pequenas imprecisões que são essenciais na reprodução genética. As sementes da vida, os elementos químicos que compõem as proteínas e as moléculas de DNA, foram forjadas e continuam sendo durante as explosões que marcam o fim da vida das estrelas, trilhões e trilhões delas, flutuando em centenas de bilhões de galáxias pela vastidão do espaço. Da sopa primordial, moléculas interagiram e cresceram, interligando-se para formar a primeira criatura viva. Bilhões de anos depois, nossos antepassados começaram a se questionar sobre a razão de sua existência.

O bebê

Essa foi a conversa que escutei da mamãe com o papai depois que eles leram o livro *Criação imperfeita*, de Marcelo Gleiser (2010). A única coisa que entendi foi que se tratava da origem da vida na Terra. Mas não entendi muito bem!

O que, na verdade, deixou marcas em mim foi quando participei de uma cena entre o papai e a mamãe, quando eles se amaram com paixão e um espermatozoide muito esperto, dentre muitos, perfurou um óvulo da mamãe, e, daí, surgiu o meu Ovo, que vem crescendo, crescendo, e eu vou tomando forma humana. Nada sei também sobre as cargas genéticas trazidas pelo espermatozoide e pelo óvulo. Mas ouvi a mamãe dizendo que agora a linguagem da vida está sendo escrita em mim, por meio de um código molecular, o código genético.

Aqui, na barriga da mamãe, tem uma água bem morninha; eu não preciso fazer força para receber meus alimentos, mas não pensem que é um paraíso, não, como muitos dizem. Quando a mamãe está nervosa, ansiosa, briga com o papai, não é legal pra mim também, pois fico agitado. Por outro lado, quando ela está feliz, é superlegal, porque ela ouve música, canta pra mim, agrada a barriga e conversa tranquila comigo.

Para complicar um pouco, vejam só, mamãe anda lendo um tal de dr. Freud... Sabe o que ele disse?! Que “a criança psicologicamente é o pai do adulto”... Não é uma coisa doida?!

Eu continuo crescendo e ficando cada dia mais completo. Acho que está perto do meu nascimento. Escutei o médico da mamãe dizer

isso, quando ele estava me filmando na barriga dela, me perturbando com uma coisa que ia mexendo pra cá e pra lá. Outra suspeita de que está próximo é porque a mamãe anda diferente, está muito “preocupada”. Ela disse o nome de outro psicanalista, acho que Winnicott, que dava a esse estado dela o nome de preocupação materno-primária. Vocês conhecem?... E sabem do que mais?, que isso vai durar até os primeiros dias depois do meu nascimento. Ela vai ficar igualzinha a mim, num estado de sensibilidade aumentada!... Pode?

Chegou a hora

Estou percebendo que a mamãe está fazendo muita força, dando uns gritinhos, e eu também estou sob pressão, minha cabeça está virada para baixo. Como será que eu vou sair? Nossa! Essa abertura é muito pequena para minha cabeça... Vamos, mamãe, faz força. Coragem!

Até que enfim! Saí. Me viraram de cabeça pra baixo, deram tapinhas nas minhas costas; aí, eu abro o berreiro. Mas logo me acalmo, porque, mesmo antes de cortarem o tal cordão, me colocaram em cima da mamãe. Eu me acalmo, paro de chorar... Que delícia! Ela me beija, me acaricia e diz que hoje é o dia mais feliz da vida dela.

Depois, eu escuto algum psicanalista, que estava presente, dizer que outra analista, chamada Melanie Klein, dizia que o bebê, nesse momento, defletia a pulsão de morte e que isso ia provocar em mim uma angústia persecutória. Viu isso?!... Eu, tão pequenininho, e já tenho que ficar cindido, ameaçado... Que eu ia ter dois seios, um gratificador e outro persecutório. Que horror! Para ela, eu já sou um bebê bem ativo...

Prefiro pensar no dr. Freud, que me vê mais passivo e dependente. Ele dizia que, no início, o bebê não distingue entre o seio da mamãe e o seu próprio corpo. Quando o seio tem que ser separado do meu corpo e deslocado para o exterior, eu o carrego comigo como se fosse um objeto – uma parte das catexias narcísicas originais. Este primeiro objeto é depois complementado pela mamãe, que não apenas vai me alimentar como cuidar de mim e que vai me proporcionar sensações físicas agradáveis e, às vezes, desagradáveis. Através dos cuidados dela com meu corpinho, a mamãe vai se transformar no meu primeiro objeto sedutor, e isso vai ser muito bom para o progresso da minha sexualidade. Assim,

a mamãe vai ser o meu primeiro objeto de amor, e ele vai se tornar o protótipo de todas as outras relações amorosas posteriores.

Também Winnicott, de quem eu falei antes com vocês, contou essa história de que o seio da mamãe tinha sido criado por mim, por meio do meu controle onipotente e que, só depois, quando eu estiver maiorzinho, é que vou reconhecer que o seio é dela e que para eu continuar tendo o meu leitinho e o carinho dela tenho que aceitar essa “desilusão”, pois faz parte da vida e é importante para o meu desenvolvimento.

1.º mês

Agora estou num estado autista contíguo, segundo Ogden, fusionado com minha mamãe, ambos vivenciando o tão sonhado narcisismo primário. Não é nada fácil porque, muitas vezes, nossa vivência é de caos: o seio fica machucado, o leite está pouco, ela fica nervosa, pois não dorme à noite. Mas acredito que isso vai passar. Nossa identificação adesiva e o espaço bidimensional (Meltzer) vão evoluir para o espaço tridimensional, em que, aí sim, nós vamos usufruir das introjeções e projeções – da posição esquizoparanoide (Klein, 1946/1975). Afinal, como vimos anteriormente, são as imperfeições da vida.

Mas deixa eu contar uma coisa para vocês: apareceu aqui uma pessoa que pediu para observar a nossa relação. Ela tem vindo toda semana porque está fazendo um Curso de Observação da relação mãe-bebê na SPBSb. Então, ela vai relatar para vocês não só o impacto vivenciado como observadora dessa relação, como também o que se passou conosco nesses primeiros dias.

Observação n.º 1⁵

Conforme combinado, nosso primeiro encontro ocorreu em um domingo pela manhã. Ao chegar à casa, encontro o bebê recebendo os cuidados da avó, que havia terminado o banho matinal.

O bebê estava deitado envolvido em uma toalha na cama da sua avó, que secava o seu corpinho com muito cuidado. O bebê movimentava as perninhas e os olhos para cima e para baixo, emitia sons de choro,

5 Adley Evangelista Ramos (observadora).

gemidos e movimentava os bracinhos espalhados e trêmulos, suas mãozinhas permaneciam quase fechadas. A avó, com muito cuidado, enxugou o umbigo que parecia sensível aos olhos desta e falava palavras de carinho, tentando uma comunicação com o bebê. A mãe não se encontrava no ambiente e estava no banho e nesse tempo a sua mãe (avó) assumia os cuidados do bebê.

Este estava sequinho e limpo, a avó colocou suas roupas com muito carinho. O bebê naquele momento estava cercado por atmosfera de cuidados e envolvido pelo som e a claridade do quarto e parecia observar o ambiente.

A mãe do bebê, que estava no banho, entra no quarto e me cumprimenta. O bebê já estava prontinho para que a avó o entregasse à mãe, que o envolve nos braços com muito cuidado e se encaminha para a sala e se acomoda no sofá. A mãe oferece o seio direcionando a boca do bebê para o mamilo. O bebê precisa de sua ajuda para segurar o mamilo, a mãe então consegue ajustar a boquinha. A mãe relaxa o seu corpo, o bebê fica confortável e começa a sugar. Permanece com os olhinhos fechados, seu corpinho ajustado ao de sua mãe, suas perninhas permaneciam uma sobre a outra, e uma de suas mãozinhas no colo de sua mãe. O bebê era afagado carinhosamente pela mãe que deslizava seus dedos por seus cabelos. A mãe sempre acariciando o bebê. Observei que durante o aleitamento, a mãe não se queixou de dores no mamilo, muito comuns de ocorrer nesses primeiros momentos da amamentação.

O bebê cochilava enquanto mamava. O bebê mamou por uns 15 minutos sem qualquer interrupção. Durante esse momento da relação da mãe com seu bebê, ele adormece, e a mãe, com cuidado, retira o seio de sua boquinha e o posiciona entre seus seios para que ele arrote. O bebê, apoiado entre os seios da mãe, arrota e libera secreções (excesso de leite).

A mãe do bebê revela que teve preocupações com a saúde do filho, na maternidade detectaram sopro no coração. Na maternidade, realizou alguns exames, e o médico buscou obter maiores informações sobre a gestação e saúde da mãe, que se mostrou disponível para responder sobre todo e qualquer fato novo de que se lembrasse.

Após isso, a mãe ficou em silêncio, pois sentia o desejo de ouvir o choro do seu bebê, o que quase não ocorria naqueles primeiros dias.

Após alguns dias de convívio, observo que o vínculo entre mãe e bebê vai se fortalecendo. A mãe e seu bebê começaram a ficar sozinhos em casa, as avós retornaram à rotina, e a mãe começou a assumir as demandas do bebê, as mamadas, os banhos e as trocas (higiene).

Durante os dias que se seguiram, mãe e bebê experimentaram o primeiro passeio fora do ambiente que os acolhia, e até passaram uma noite na casa da avó paterna. Todos ficaram recolhidos em um pequeno cômodo. Pai, mãe e filho dormiram no ambiente.

Segundo informações prestadas pela mãe, o bebê sentiu incômodo no ambiente (a casa do pai), e ela ficava insegura de deixar o bebê na casa com ele. Decidiu então que ficaria todo o tempo com seu bebê. Ficou tão aflita, que passou a noite acordada, acompanhando o bebê, que começou a apresentar cólicas. E para ela isto estava ocorrendo porque ele estava em outro ambiente.

Após alguns dias, as cólicas começam a ocorrer de forma mais espaçada. Os dias seguem com a rotina, o bebê continua mamando e dormindo e olhando tudo a sua volta, abrindo e fechando os olhinhos, como se observasse alguma coisa e emitindo outros sons. A mãe faz uma tentativa para inserir a chupeta, mas o bebê a rejeita. A mãe se assusta com quaisquer sons e movimentos novos emitidos pelo bebê, como espirros, pequenos gemidos e incômodos de xixi e fezes.

A função de observadora não é fácil no início. Deparei com o constante desafio que era observar o bebê e sua relação familiar, uma vez por semana, durante uma hora. Sentia-me como se estivesse invadindo a intimidade deles. Nos primeiros contatos com a família era posta em diferentes papéis, o que me deixava angustiada, com todo aquele impacto emocional.

Após as observações, o conteúdo era trazido para ser relatado ao grupo de supervisão, que tem o papel de ajudar a organizar e conter essas emoções primitivas. Posteriormente, o grupo considerou que a observadora, tanto quanto a mãe, estava se adaptando a sua nova função, e estavam ambas identificadas com o desamparo do bebê. A mãe tinha a fantasia de que seu bebê não era saudável e que precisava contar com

sua mãe para apoiá-la integralmente. Por exemplo, nos momentos de cólicas, possivelmente aumentados por suas angústias, ela entrava em pânico, e era a avó que tinha que conter o bebê.

2.º mês

Através da pele psíquica da mãe (com sua pele me acariciando e me contendo, seu olhar, seu cheiro, sua voz, suas melodias, minha boca no mamilo) (Bick, 1968/1988) meu espaço psíquico está evoluindo. Eu já começo a ver a mãe separada de mim, mas nem sempre é claro. Começo a dar meus primeiros sorrisos... Não é ótimo?!

A partir de agora sim, dra. Melanie Klein, eu tenho condições de introjetar a fala da mamãe, o que ela nomeia para mim e também posso projetar para dentro dela todos os meus medos e angústias persecutórias, pois o espaço tridimensional (Meltzer, 1986) já está sendo criado para receber o que a mamãe, com sua capacidade de *rêverie* (Bion), diz e devolve para mim, e de forma menos catastrófica.

Os elementos sensoriais já podem ser transformados em elementos alfa, porque os beta só servem para ser evacuados nos meus puns, nos cocôs etc.

Vamos ouvir agora o que nos diz o observador que veio nos acompanhar neste segundo mês.

Observação n.º 2⁶

Após poucas semanas de acompanhamento, eu me senti mais confortável em minha condição de observador, pois fui convidado a acompanhar a mãe com a criança ao quarto de bebê. Tornei-me “tio”.

Neste segundo mês, o bebê chega nessa altura da vida com cerca de 3 kg e 50 cm. Há algumas semanas, pesava menos de 3 quilos e media algo na casa dos 40 centímetros.

Tenho a impressão de que a relação entre mãe e bebê gira em torno da amamentação. A pequena criatura precisa crescer e se fortalecer, preparando-se para as tantas funções que o corpo e o ambiente vão estimulá-lo a desenvolver. Ouço a mãe dizer que está muito cansada, em

6 Roniere Ribeiro do Amaral (observador).

razão de noites mal dormidas, em função dos cuidados com a criança. Às vezes, é difícil para a mãe entender as demandas por trás de choro e gemidos. Ocorre-lhe: “não nasci para isso”. E o desânimo aparece. É uma mãe despreziosa, isso certamente será seu trunfo.

A criança já se movimenta bastante no berço, mas não a ponto de girar em seu próprio eixo: se de lado, vira com a barriga para cima. Quando na sala, já se interessa pelos sons da TV, reagindo a eles, bem como à voz do pai. Sorrisos também despontam no pequeno rosto. A mãe percebe que a criança ainda se agita com certos movimentos no colo, como quando vai sendo posta no berço e se movimenta, talvez reagindo à mudança de nível, de um ponto mais alto para um mais baixo.

O pai voltou a trabalhar, e a mãe agora não tem retaguarda: tem de passar o dia só com a criança (“tudo agora depende de mim”). O bebê acorda de duas em duas horas, como que regulado para isso. Os pedidos de assistência ou atenção surgem ao emitir sons como “mué ..., mué”. Às vezes, ao final da mamada, a mãe o deita sobre o colo, entre os seios, onde ele fica de bruços, com a bundinha empinada e as perninhas encolhidas. A mãe o acaricia com o dedo, passando-o pelo rosto ou pela curvatura da nuca.

Duas semanas após a medição anterior, a criança pesa cerca de 1 quilo a mais e expande-se 3 centímetros. A mãe disse que o bebê aceita ficar só no berço acordado; antes protestava, mas agora se deixa ficar ali por algum tempo, para, depois, emitir sons que seriam reivindicação de presença da mãe. Em certo momento, ao tirar o bebê do berço, a mãe diz: “será que o tio pode segurar você um pouco?”. “Sempre quis”, respondo, registrando mais uma oportunidade de me sentir bem recebido no lar.

O bebê direciona seus olhares na direção da mãe, contempla adereços na parede. Há distúrbios digestivos como vômitos noturnos, quando grande quantidade de leite é expelida. A criança experimenta diferentes estímulos da realidade do mundo e do corpo. Seu corpo é objeto de experiência como o movimento da cabeça ora para um lado, ora para outro. As perninhas são agitadas e elevadas. O sono da noite já passa a ter períodos de quatro horas consecutivas. O desenvolvimento emocional aparece também com a expressão de choro que vem com beicinho de tristeza, quando o lábio inferior é projetado para baixo.

Incômodos do bebê são com frequência apaziguados com o peito. A mãe tem a preocupação em variar o lado para esvaziar cada seio. O bebê suga com interrupções e, às vezes, brinca com o seio, mantendo contato sem sugar. Esse contato com o seio é reforçado pelo repouso da mão sobre ele.

3.º mês

Vivendo todas essas experiências de satisfação, aos poucos estou me organizando para formar uma figura cada vez mais completa da mamãe, em quem eu posso confiar (o seio bom).

Eu também tento organizar as experiências negativas (seio mau) afastando e mantendo bem longe da figura da outra mamãe, onde me apoio como se fosse parte de mim (a mamãe ideal).

(PS) Essa cisão é muito importante para o meu desenvolvimento. Mas minhas cólicas estão quase acabando. A mamãe tem sido suficientemente boa (Winnicott, 1978). É natural que ela se sinta insegura, intranquila e até tenha medo de que eu cresça.

Vamos ver o que os observadores vão dizer.

Observação n.º 3⁷

Na oitava semana, cheguei como de costume à casa do casal às 10 da manhã de uma terça-feira. O pai do bebê recebeu-me ao portão, e dirigi-me ao alpendre onde a mãe estava com o bebê mamando no seu seio esquerdo. Cumprimentei-a e pus-me na minha posição habitual, no sofá em frente.

O bebê estava cuidadosamente vestido, e sua pele estava com uma aparência bastante saudável, num tom róseo com um delicado bronze-dourado, demonstrando que os pais vinham mantendo os banhos matinais de sol.

Segundo a mãe, o bebê, que vinha acordando muito por causa das cólicas nas semanas anteriores, passou a acordar uma vez só, no meio da noite, mamava um pouco e voltava a dormir, conforme os pais me

7 Maria de Lima e Silva (observadora).

descreveram. Nas semanas precedentes, eles me informaram que o bebê acordava de duas em duas horas.

Durante esses primeiros quinze minutos do encontro, o bebê mamou tranquilamente até cansar e dormir. Quando isso ocorreu, a mãe vestiu-se até o ombro com a manga do vestido de malha e colocou o bebê no alto do seu colo, virado com o corpinho para dentro de si. A cabecinha do bebê estava virada para o ombro direito da mãe, posição que me permitia observar seu rosto dormindo pacífica e tranquilamente, parecia até esboçar um ar de contentamento. Nessa posição o bebê ficou sossegado até o restante do encontro, o que me possibilitou perceber a forma com que a mãe o acolhe e sustenta, dando a ele a segurança necessária para relaxar e dormir com segurança.

A mãe lembrou que tinha guardado algo para me contar que aconteceu nessa semana. Disse-me que observou uma coisa diferente no filho, que, no outro dia, teria ficado olhando fixamente para um casaco preto. Enquanto ela tentava dar de mamar, chamava o filho, que ignorava seu chamado olhando para o outro lado, onde estava o casaco pendurado. Pediu ao esposo que viesse até o quarto e retirasse o casaco; quando ele o fez, o bebê finalmente desviou o olhar e se concentrou na mamada, e ela achou que isso me interessaria. Eu sorri e reconheci a importância do relato como aspecto a ser notado sobre o desenvolvimento do bebê e da observação.

A mãe contou também que o bebê gosta muito da hora do banho e que, no entanto, não gosta nada de sair dele. Disse-me que tomaram banho no outro dia e que, ao final, ela e ele se secaram na toalha, ele na posição do alto do colo e que, para finalizar a secagem, o colocou sobre a cama, e isso bastou para que começasse a chorar.

Nesse período todo, o bebê esboçou apenas um choro muito curto, talvez com duração de um segundo, de uma pequena cólica que rapidamente se resolveu. Ele estava dormindo já há algum tempo no colo da mãe, contra o seu corpo e coberto por uma fralda branca ligeiramente transparente. Sobre as coxas da mãe estava a almofada em formato de U ou C que ela usa para apoiar a amamentação. A mãe mencionou que está pensando sobre voltar a trabalhar, e se pergunta como será isso. Contou-me um pouco sobre sua situação profissional.

Na nona semana, cheguei, aguardei um pouco e bati ao portão, sabendo que apenas a mãe estaria com o bebê em casa, já que o pai estaria fora a trabalho. Ela demorou uns instantes e disse algo como “estou aqui, entra”. Dentro do portão, ela me aguardava na posição usual no sofá do alpendre. O bebê estava no colo, mamando no seio direito, bem empacotado nas suas roupinhas e com uma luvinha protetora envolvendo a mão. O rosto do bebê parecia cansado, sonolento, mal abria os olhos, embora estivesse mamando intensamente. Ele mamava e continuou mamando por cerca de dez ou quinze minutos sem parar, no mesmo seio direito, até dormir.

Falando sobre o sono do bebê e a fisionomia, ela contou que na manhã do dia anterior ele tinha ido ao posto de saúde tomar quatro vacinas, das quais efetivamente só recebeu três, que foram o suficiente para abatê-lo, porque vinha tendo febre desde a noite anterior. Eles optaram por administrar cinco gotinhas de paracetamol para aliviar o mal-estar do neném.

Em algum momento disse que o bebê reconhece a voz da avó que ligou e ficou falando no viva voz, e eles perceberam que ele ficou procurando a avó. Disse que o bebê tem reagido sorrindo para a avó materna, quando ela lhe dirige a palavra afetuosamente chamando-o pelo nome.

O horário chegou ao fim, passaram-se cinco minutos, então, me despedi, tornei ao carrinho e falei com o bebê, que, dormindo, esboçou uma reação facial levando a mãe a dizer: “Você viu?! Ele sorriu para se despedir de você!”

Na décima semana, o pai abriu o portão. Entrei, a mãe estava com o bebê no colo, sentada no sofá, na sua posição usual. O bebê estava bem atento, olhos abertos, mexendo bastante os braços e as pernas, e emitindo ruídos que soavam como sons confortáveis para ele.

Falamos dos seios da mãe. Segundo ela, seu bebê prefere o peito direito ao esquerdo, de que, segundo sua descrição, jorra muito leite. Ela acredita que entende o seu bebê e a sua preferência. E ela diz isso olhando para ele e dizendo que pretende que, pelo menos nessas coisas, eles sejam capazes de se entender. A relação entre eles está muito bonita; ela gosta muito do filho e tenta fazer de tudo para agradá-lo e evitar seu sofrimento.

O bebê balbuciava um bocado de sons brincando com a boca, língua e saliva, olhava a luz e mexia-se confortavelmente no colo da mãe.

Fez pum, um pouquinho de cocô. A mãe disse que ele passou três dias sem defecar e que no dia anterior tinha feito muito cocô.

A mãe chorou suavemente quando disse que tem roupinhas lindas que não servem mais no bebê. Pareceu-me sentir tristeza de uma fase do desenvolvimento já ter se tornado parte de um passado que lhe escapa. Acho que o sentimento era saudade nostálgica.

No décimo segundo encontro, ao chegar, a mãe estava saindo, abriram o portão para que ela saísse com o carro. Ela estava despen-teada, com aspecto descuidado. Parou quando me dirigi a ela e, com a janela apenas dois terços aberta, me disse que teria de ir à casa da mãe buscar “o cartão”. Estavam o pai e o bebê, pedi licença, cumprimentei o pai, fechei o portão e fui caminhando em sua direção. Ele se explicava dizendo que o bebê estava dormindo e coberto.

Em algum momento o bebê pôs-se a chorar, e o pai o pegou com muito pouca habilidade e naturalidade, tentando acalmar – tanto a si quanto ao bebê. A observadora os deixava tensos? Ou o bebê estaria sentindo a falta de sua mãe? O pai cantou para ele. O bebê continuou bastante incomodado, então, ele, hesitante, andou com ele, apressou-se em acalmá-lo, mas os movimentos todos pareciam deixar o bebê ainda mais irritado. Cinco minutos antes do fim de nosso encontro e depois de muito choro e incômodo do bebê, a mãe voltou e prontamente o pegou no colo, assumiu posição de autoridade na cena e o acalmou quase que imediatamente. Fiquei cinco minutos além do tempo e saí.

No final desse terceiro mês, o bebê está dormindo muito melhor, me parece menos ameaçado e já está começando a experimentar suas habilidades corporais. Ele balbucia sons, testa a boca com a língua, com a saliva e as cordas vocais. Ele se mexe e brinca com os pés e as mãos e já reage aos outros numa espécie de começo de comunicação não verbal. Mãe e pai podem ficar felizes e orgulhosos com as descobertas do bebê sobre suas mãos e pés e podem ficar estimulados a brincar também com eles. É comum que os pais observem igualmente que o bebê tem dado mais atenção aos estímulos visuais, como telas, luzes e objetos.

A mãe que amamenta já pode se sentir mais segura sobre as preferências do bebê por um dos seus seios, e ela tem de fato, nesse momento, alguma noção de como é para seu bebê a amamentação no seio preferido ou no seio preterido.

Também no terceiro mês, a mãe já tem maior confiança na linguagem inicial do bebê. Algumas mães chamam carinhosamente essa língua de “nenenês”, ou seja, a língua que seu bebê usa para se comunicar com ela e que é constituída de tipos sonoros ainda muito pouco diferenciados, mas que ela já está habilitada a decifrar melhor e atender mais diretamente à queixa correlata, diferenciando entre os gemidos e choros de fome, cólica ou sono. Percebe-se, então, que há uma sensibilidade comunicativa se desenvolvendo entre ambos, uma terceira linguagem entre os dois.

Embora a comunicação entre mãe e bebê esteja se aperfeiçoando, é possível uma recaída materna em que a mãe se sente incapaz de entender o sofrimento do bebê e entre em desespero com alguma crise de choro. Nessa circunstância, o pai pode ter uma importante oportunidade de desempenhar uma dupla função acolhedora. Se lhe for possível acolher a mãe nesse momento e assegurar-lhe a capacidade de tolerar o sofrimento que é, *a priori*, do bebê, ele garante indiretamente ao bebê o suporte que ele (o bebê) também precisa que a mãe tenha.

4.º e 5.º meses

Agora não está nada fácil, *porque* a mamãe tem que voltar ao trabalho. Ela está muito angustiada com isso, e eu, sintonizado com ela, também. Ando estranhando, fazendo biquinhos para as pessoas que eu não conheço, estou dormindo mal à noite, e começando a comer papinhas de frutas e sopinha. Tudo indica que iniciamos o desmame, a nossa separação (não total, é claro), o medo da perda. A M.K. chamou essa minha fase de D – posição depressiva. Mamãe está me desiludindo (Winnicott, 1978) aos poucos, e esses movimentos todos e o seu trabalho estão sendo vivenciados por mim como um 3.º, a M.K. diz que se trata do tal complexo de Édipo, mas numa fase precoce, pré-genital.

Enfim estou iniciando essa terceira dimensão da minha experiência humana, e isto, segundo escuto, vai durar por muito tempo.

Observação n.º 4⁸

Encontrei o bebê no meio de uma roda de conversa. Havia muitos estranhos. Nela estavam os familiares do bebê, que parecia confortável no colo de um deles em meio a uma conversação tão intensa. A mãe do bebê parecia muito feliz depois de uma breve viagem, por conta do seu trabalho. Ela lia um livro sobre alimentação natural.

A cadeirinha para que o bebê se sentasse à mesa de jantar tinha sido comprada no dia anterior. Ela me apresentou um adaptador que, ao ser ajustado a uma cadeira comum, posiciona melhor o bebê para que ele possa comer sentado à mesa. A mãe mostrou um vídeo, gravado no seu telefone celular, do teste que eles fizeram com esse novo aparato. O bebê aparecia nas imagens já sentado à mesa, com uma colher na mão e um babador. Era uma simulação de uma cena que em poucos dias se tornaria comum para eles.

O desmame destaca o quinto mês do bebê. Martha Harris (1998) indica que esse é um momento essencial para consolidar e desenvolver recursos da mãe e do bebê que já tenham sido alcançados. Nesta etapa também acontecem as primeiras manifestações da posição depressiva. É o momento da renúncia e separação.

A mãe e o bebê pareciam fisicamente mais separadas do que nunca. Em nenhum momento ela pegou o bebê em seus braços. Ela transparecia o orgulho de ver a independência e autonomia dele. Ele, por outro lado, parecia reconhecer poucos que ali estavam. O bebê passava de um colo para outro como se estivesse em uma sessão de revezamento, que me deixou confuso. Apesar de ser trocado de mão em mão, ele me encarava como se de fato me reconhecesse.

Durante todo o tempo agarrava um brinquedo: uma estrela do mar de borracha verde, que levava à boca com menos voracidade do que nas observações passadas, mas com mais destreza e coordenação motora, habilidades que serão úteis para segurar colher e copo, que logo estarão vinculados a sua nova maneira de se alimentar.

Em um determinado momento, o bebê foi colocado em uma cadeirinha especial que estava no chão. A mãe percebeu que ele estava

8 Carlos Wilson de Andrade Filho (observador).

um pouco estressado pelas caras e pequenos muxoxos que fazia. Disse que era cansaço. Não dormiu à tarde, como de costume, por conta das visitas. No entanto, a mãe não demonstrava preocupação. Parecia ser mais uma sinalização de que ela estava definindo uma nova fronteira do seu relacionamento com o bebê, o observava, mas sabia que, se alguma coisa deveria ser feita nesse caso, seria pelo pai.

Observo aqui uma segunda marca dos 5 meses do bebê descritos por Martha Harris: a recuperação da tendência da mãe de se sentir oprimida e deprimida pela carga de responsabilidade imposta pela maternidade. Mais segura da sua função materna, ela permite que o bebê agora possa ser partilhado socialmente de maneira mais tranquila. Ela está mais segura, pôde viajar, voltar ao trabalho e dividir mais com o pai a agenda do cuidado.

Por outro lado, o bebê, apesar de sofrer com o cansaço e com a separação, já está mais esperto, não interage apenas com o que coloca na boca, mas com o que acontece para além das suas mãos. Pode explorar o mundo com a garantia de que tem uma mãe e um pai para consolá-lo.

O bebê parecia de fato, cansado. O pai o tomou no braço e começou a embalá-lo para ver se ele dormia. A mão dele agarrava a camiseta do pai, que me disse, em um tom de voz mais baixo, que o bebê tinha caído da cama na noite passada. Foi como se estivesse contando um segredo, que a mãe não deveria, em hipótese alguma, ficar ciente da revelação. É o fim dos cuidados intensivos e o início da descoberta de novos cheiros, sabores e de uma nova fase na relação do bebê com a sua mãe.

Quando todos ensaiavam para ir embora, adiantei-me e me despedi. O bebê já estava no quarto, dormindo.

Observação n.º 5⁹

Ao chegar e encontrar o bebê, observo como ele está grande e gordinho, penso em como mudou em tão poucos dias. Brincando, digo isso a ele, com uma voz infantilizada, tentando imitar uma criança. A mãe, com ele nos braços, me conta que tem “novidades” para mim e diz: estou introduzindo frutinhas, ele já experimentou laranja, banana

e maçã, e do que mais gostou foi laranja. Nisto, sai da sala e se dirige ao quarto, eu a acompanho, vamos para o quarto das crianças, ela de forma delicada o coloca de barriga para baixo, sobre um tapete de borracha, feito de pedaços coloridos, o bebê fica como que em posição de engatinhar, balbucia, faz barulhos e movimentava braços e pernas para cima e para baixo, levanta a cabeça, que já está bem firme, e ao se mexer fica de costas para mim. Nesse momento, chega uma criança mais velha e me pede para ler um livro que traz nas mãos, eu pego o livro, procuro os meus óculos e começo a ler. Nesse momento, o bebê solta um grito alto, começa a chorar, eu fico assustado e o levanto, pensando que algo tinha acontecido. A mãe chega imediatamente e também quer saber o que havia acontecido. Digo-lhe que não sei, ela o toma nos braços e observa que havia golfado, eu limpo sua boquinha com uma fralda, a mãe me devolve o bebê, e sento ele entre minhas pernas, e ele começa a rir, gargalhar, fazer barulhos, era como se estivesse a conversar comigo, e tenta pegar o livro que está nas minhas mãos. Nesse momento penso que ele queria mesmo era participar da conversa de que fora excluído ao ficar de costas. Não queria ficar de fora.

6.º e 7.º meses

O corte que a mamãe fez (desmame), em nome do papai, doeu. Meu primeiro dentinho nasceu, estou babando muito e querendo morder tudo.

A mamãe já está mais segura e menos oprimida por ter a responsabilidade pela maternidade.

Eu também estou diferente: estou mais confiante em relação ao mundo, tenho vontade de explorar tudo, e meus horizontes estão se alargando. Brinco muito com os meus brinquedinhos. Já percebo que a mamãe é uma pessoa separada de mim e que o papai e ela têm um relacionamento mútuo. E, quando eles conversam, presto bastante atenção e, para não ficar por fora, tento com os meus balbucios participar do papo deles.

Meu abandono do seio está sendo compensado por um crescente prazer em relação a diversos alimentos novos, embora a mamãe continue

me amamentando pela manhã e à noite, porque é difícil também para ela o desmame.

Agora minha ansiedade em relação a pessoas estranhas aumentou muito. Na minha cabecinha eu digo: “Ah, não é a mamãe”.

Antes de começar a andar vou explorar o ambiente engatinhando. Minha palavra preferida é “não”, porque escuto muitas vezes, quando faço qualquer coisa que meus pais não querem. Eu já me sento só, mexo nos meus brinquedos e nos enfeites que a mamãe coloca na sala. Ela achou melhor não tirá-los porque assim vou aprendendo o que posso fazer e o que não posso. O brincar ocupa o meu espaço transicional (entre mim e a mamãe), ajudando-me a lidar com minhas estranhezas e frustrações (Winnicott, 1951/1978).

Observação n.º 6¹⁰

Nosso encontro se deu dessa vez em uma cafeteria, onde, ao chegar, encontro o bebê no colo da mãe, brincando com um pacotinho de açúcar que havia tirado da cesta disposta sobre a mesa.

Dirijo-me ao bebê, que sorri me olhando, enquanto balança braços e pernas, e balbucia alguns sons como se tentando dizer algo. Ele segura fortemente o pacotinho de açúcar em sua mão esquerda, arrastando-o por seu corpo e por vezes pela mesa, parecendo bastante agitado.

Cumprimento a mãe e sento-me junto deles.

A mãe o coloca sentado sobre a mesa, de frente para mim, momento em que ele alcança a cesta, a qual estava repleta de adoçantes, açúcares e guardanapos, jogando-os parte na mesa e parte ao chão, esboçando seguidamente sorrisos e agitação.

A mãe o repreende docemente, dizendo: “poxa, filho, eu sei que você quer brincar, mas isso não é brinquedo para você”. Ela pede, então, para que eu o segure, e tenta desajeitadamente recolocar os itens novamente na cesta.

Enquanto seguro o bebê, ele parece ter o olhar voltado novamente para a cesta, a qual, porém, foi devidamente colocada num ponto mais distante pela mãe, o que o motiva a esticar o corpo, como se a

fazer força, tentando alcançar o objeto e dando braçadas descoordenadas, sem sucesso. Ele balbucia como que a protestar, espreme o rosto e depois solta pequenos gritos.

A mãe, diante do esforço do bebê, entrega a ele novamente um pacotinho de açúcar, que, enquanto conversávamos, ele leva por diversas vezes à boca.

Em um dado momento, a mãe fica com receio de o pacote estourar... retira-o da mão do bebê e entrega para ele um brinquedo sensorial de exploração oral que eu havia dado de presente em seu “mêsversário” de 4 meses, o qual ela disse estar sendo muito útil agora.

Ele brinca por alguns minutos, levando o brinquedo à boca (o que gera constante salivação), retirando-o da boca, chacoalhando, batendo na mesa com o objeto e logo perdendo o interesse, voltando o corpo em direção à cesta.

Posiciono-o, então, em pé sobre minhas pernas, e ele flexiona os joelhos várias vezes tentando projetar seu corpo sobre a mesa, com o olhar fixo na cesta à sua frente, porém, distante para alcançar. Dados alguns segundos, o bebê se irrita, esboçando um choro. A mãe se dirige a ele, perguntando se está cansado e se quer um “peitinho”.

Entrego o bebê para a mãe, que o deixa em posição de mamada, em seu seio esquerdo. Ele suspira ao colocar a boca no seio, segurando firmemente a blusa da mãe com sua mão direita, e olhando para o rosto dela. Ele parece acalmar-se nesse momento, com seus movimentos reduzidos apenas à mão direita e aos dedinhos do pé.

A quietude de bebê faz com que a mãe comece a me pôr a par dos acontecimentos e a evolução do bebê.

Conta que saiu pela primeira vez desde o nascimento do bebê, mas que em poucos minutos recebeu uma ligação dizendo que ele estava chorando muito e que, ao final, a cuidadora conseguiu acalmá-lo e fazê-lo dormir. Tal situação, porém, gerou uma sensação de culpa, mas, de qualquer forma, foi importante sair, pois se sentiu “viva e leve ao mesmo tempo”.

Ao chegar nosso pedido, a mãe movimentava o corpo para perto da mesa, fazendo o bebê despertar de seu sono. Ele parece despertar vagarosamente, movimentando o corpo para que a mãe o ponha

sentado. Fica sentado parado por alguns segundos, olhando fixamente para o canudo que estava no copo da mãe. Quando a mãe o põe em pé, segurando-o pela cintura, estende os braços alcançando o encarte do cardápio e o joga no chão. Abaixo-me e junto o cardápio, deixando-o sobre a mesa novamente próximo a ele. Ele o pega de novo, estendendo o braço esquerdo e, sem olhar, lança-o novamente ao chão. A mãe diz que ele tem feito isso constantemente com quase todos os objetos que segura. Junto o cardápio e coloco novamente sobre a mesa, só que dessa vez distante dele, que se espreme e balbucia parecendo protestar.

A mãe o coloca novamente sentado sobre a mesa, afastando dele todos os objetos. O bebê então parece distrair-se com duas crianças que estavam na mesa ao lado, enquanto a mãe revela quão sociável ele tem se tornado. Quando a mãe aproxima o copo de chá mate gelado no qual havia um gigantesco canudo, o bebê volta seu olhar ao copo levando sua mão espalmada ao canudo, fazendo-o cair do copo, e o movimento de suas pernas sobre a mesa leva o copo a cair e derramar o líquido que ainda restava, molhando pernas e parte inferior de sua roupa.

Olho o relógio e percebo que chegou ao fim a observação. Despeço-me deles, e agendamos novo encontro, ela agradece e reforça quão bem lhe fazem os nossos encontros.

Entendo que todos os movimentos do bebê com o açúcar, com o canudo, guardanapo e cardápio eram manifestações do seu brincar, ajudando-o na elaboração de suas angústias diante de situações novas.

8.º e 9.º mês

Ora, minha ansiedade em relação a pessoas estranhas aumentou muito. Na minha cabecinha eu digo: “Ah, não é a mamãe”.

Antes de começar a andar vou explorar o ambiente engatinhando. Minha palavra preferida é “NÃO”, porque a escuto muitas vezes, quando faço qualquer coisa que meus pais não querem. Eu já me sento só, mexo nos meus brinquedos e nos enfeites que a mamãe coloca na sala. Ela achou melhor não tirar essas coisas porque assim vou aprendendo o que posso fazer e o que não posso.

Daqui até o meu primeiro ano de vida, dizem que muita coisa vai acontecer: vou ficar em pé, vou tentar andar... É uma experiência

fantástica, porque eu mesmo posso me separar, ir para longe dos meus pais e voltar, como na brincadeira de esconde-esconde, minha favorita. É um longo processo de individualização (Mahler, 1975/1977). Mamãe disse que, agora que estou crescendo, eles devem me dar a oportunidade de testar minhas capacidades e recursos. Essas experiências dentro de uma estrutura segura com a mamãe, o papai ou com a empregada que toma conta de mim às vezes dá a oportunidade de sentir que estou cada vez maior e mais forte.

O bebê de 9 meses é cheio de graça, já reconhece pessoas, mostra suas preferências, conversa e faz interação nas brincadeiras. É notável e interessante de observar que ele já tem memória de aprendizagem. A locomoção é algo agora presente na rotina, o pequeno se move para lá e para cá, ora engatinhando, ora em pé se apoiando nos móveis ou pessoas. Parece que a predileção por certos desenhos, músicas e pessoas também se apresenta. A rotina nessa fase do desenvolvimento já inclui ficar com outras pessoas, enquanto a mãe trabalha, e também passar um período na creche. Esse é um momento de interação e estimulação orientada muito relevante para o desenvolvimento de habilidades sociais, paciência e entendimento de que não é o centro de todas as atenções o tempo todo.

A alimentação nessa etapa de vida é mais variada, e o bebê se interessa pela cor e textura dos alimentos. Deseja ele próprio usar suas mãos para se alimentar, mas também usa os alimentos para seus experimentos. Joga-os no chão, tenta colocar a comida na boca da mãe ou de quem se ocupa de sua refeição e ainda reclama quando a comida acaba ou ela lhe é tirada.

A linguagem nessa fase parece ser dirigida, sons de “mamã” e “papá” já parecem fazer parte da interação da criança com seus pais. O infante se interessa pelos sons, se reconhece quando falam seu nome e busca ouvir os sons de seus brinquedos. Entretém-se com objetos como panelas, livrinhos, objetos de casa e brinquedos variados. E a essa altura já faz o movimento de pinça com os dedinhos. A curiosidade ajuda o bebê em seu desenvolvimento motor, ele já quer alcançar tudo o que lhe chama a atenção. Para alguns pais essa é uma fase de mudança na

decoração da casa, tirando de fácil acesso tudo o que possa representar risco à integridade e segurança do pequeno.

A manifestação de emoções e reações do bebê se torna mais clara e definida, irritação e alegria são facilmente perceptíveis, facilitando identificar o que traz algum desconforto ou graça.

Observação n.º 7¹¹

Após duas semanas sem observação, uma por minha causa e a outra por conta de uma internação do bebê, finalmente nosso encontro ocorre. Revelo que estava ansiosa e bastante preocupada com a saúde do bebê. A mãe havia me enviado mensagem avisando que ele estava com bronquiolite e estava internado, por isso não nos vimos semana passada. A avó do bebê estava lá. Tratou-me bem. O bebê estava no colo da avó, me fitou, sorriu, mas ficou mais na dele, não quis vir para os meus braços. A avó dizia: você se lembra da tia Elen?

A avó demorou pouco e foi embora. Ficamos os três. Sentamos à mesa, o bebê ficou no meu colo comendo uma broa, que a mãe trocou por um biscoito de queijo, mais durinho, pois assim ele não corria o risco de engolir e engasgar. Ele ficou calmo e olhava para a mãe enquanto comia o biscoito. A mãe falou sobre a internação e me mostrou algumas fotos. Uma hora ela tirou o biscoito que já estava bem mole e ele protestou com raiva. Gritou alto e só parou quando a mãe lhe deu outro.

O bebê quis descer, foi engatinhar. Ficou rodando na sala e em seguida foi para o quarto da mãe. Lá começou a mexer numa gaveta cheia de frascos de remédio. Ficamos lá por uns 15 minutos. Comparou a mexida na cômoda cheia de remédios com a mexida no armário da cozinha quando ele pega as panelas para bater. Embora tenha vários brinquedos, parece que essas coisas comuns e banais chamam mais ainda a atenção do bebê, talvez por se impressionar com aquilo que os adultos fazem e onde mexem.

Depois do quarto fomos para o tapete na sala, a mãe falou sobre os brinquedinhos que o filho herdou da prima. Ela ficou lendo um livro para o bebê, olhos nos olhos, entonação da voz, alegria e entusiasmo

11 Elen Márcia de Sousa Carioca (observadora).

ao contar a história. E ele ria, repetia e prestava muita atenção na mãe, estava encantado com as palavras e os gestos que a mãe fazia. Depois começamos a brincar no chão. A mãe conversa com o bebê, mostrando real interesse nele e cantando musiquinhas que ele conhece e adora.

Chegando ao 1.º ano de vida¹²

Quanta alegria! Comecei a dar os meus primeiros passinhos! Seguro nas mãos do papai e da mamãe e vou andando... ganharei o mundo! Pego tudo o que está na minha frente! Mamãe e papai estão todos orgulhosos. Subo no sofá, nas poltronas, adoro mexer nas panelas e vasilhas da cozinha. Fico encantado com potes, empilho, coloco um dentro do outro.

Mamãe, papai, vovó, vovô, todos me ensinam a fazer com as mãozinhas o sinal de um ano! Bato palmas quando escuto parabéns! Melanie Klein e dr. Freud dizem que este primeiro ano de minha vida é muito importante, venho guardando muitas imagens e sentimentos que sustentarão a trajetória de minha estrutura psíquica.

Finalizando, vou convidar vocês para a festinha do meu primeiro aniversário. Vou gostar muito de receber brinquedinhos, mas o que mais desejo é me tornar uma criança forte e feliz. Obrigado pela atenção de vocês e por terem me acompanhado por tanto tempo... sou muito grato por isso!

¿Qué quiere un bebé?

Resumen: Los autores, a través de un bebé “ficticio”, presentan observaciones reales relativas al desarrollo del primer año de vida del bebé, resaltando las etapas fundamentales de este período crucial para la vida humana, en una relación madre-bebé-familia. El equipo de observadores es parte del Curso de Observación de la relación madre-bebé, impartido por la SPBSB, en el período de febrero de 2017 a marzo de 2018, a través del método Esther Bick.

Palabras clave: relación madre-bebé-familia, desarrollo humano, período crucial, observación método Esther Bick.

12 Liliana Dutra de Moraes Avidos.

What does a baby want?

Abstract: The authors, through a “fictitious” baby, present real observations regarding the development of the baby’s first year of life, highlighting the fundamental stages of this crucial period for human life, in a mother-baby-family relationship. The Observer Team is part of the Observation Course of the mother-baby relationship, taught by SPBSB, from February, 2017 to March, 2018, using the Esther Bick method.

Keywords: mother-baby-family relationship, human development, crucial period observation Esther Bick method

Referências

- Bick, E. (1988). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E. B. Spillius, *Melanie Klein Hoje* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Bion, W. R. (1988). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius, *Melanie Klein Hoje* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Identificação. Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago.
- Gleiser, M. (2010). *Criação imperfeita*. Rio de Janeiro: Record.
- Harris, M. (1998). *Crianças e bebês às luz de observações psicanalíticas*. São Paulo: Vértice.
- Klein, M. (1975). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Mahler, M. (1977). Nascimento psicológico da criança. In M. Mahler; F. Pine & A. Bergman, *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975)
- Mahler, M. (1987). The contribution of observation of mother-infant interaction and development to the equipment of a psycho-analytic psychotherapist. *Collected papers*. Perthshire: Clunie Press. (Trabalho original publicado em 1976)
- Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19, 40-52.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Maria Silvia R. M. Valladares et al.

Winnicott, D. (1978). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1951)

Maria Silvia R. M. Valladares
mariasilviavalladares@gmail.com

Liliana D. M. Avido
moraesliliana@hotmail.com

Carlos Wilson de Andrade Filho
carloswbr@gmail.com